

A idealização da pulsão na parafrenia moderna (Paraphrenie), nacional-populismo, nazismo e devastação (Shoah)

Os poucos não podem persuadir a multidão da verdade porque a verdade não pode se tornar objeto de persuasão, e a persuasão é o único modo de lidar com a multidão. Mas enquanto não se pode ensinar à multidão a doutrina da verdade, pode-se, por outro lado, persuadi-la a acreditar em uma opinião, como se essa opinião fosse a verdade. A opinião apropriada para levar a verdade dos poucos à multidão é a crença no Inferno; persuadir os cidadãos de sua existência fará com que se comportem como se soubessem a verdade. Em outras palavras, a doutrina do Inferno em Platão é claramente um instrumento político inventado com finalidades políticas. ARENDT, H. A dignidade da política – ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993, p. 69.

A parafrenia

O tipo parafrênico é introduzido por Freud em 1911, quando toma para a análise a autobiografia de Schreber, escrita durante uma internação. Freud trata a psicose paranoica diferenciando-a da parafrenia. Os feitos descritos na paranoia são legados na “língua fundamental”. Os ideais tem outro destino na parafrenia.

Freud define sua escolha pelo nome Paraphrenie por trazer à expressão suas diferenças com a denominação inalterável da paranoia" e por “seu conteúdo incerto”. A parafrenia surge em sua descrição clínica no escrito “Sobre a introdução do narcisismo” (1914). Freud encerra o texto sobre o narcisismo com uma formulação tão complexa quanto enigmática. Lemos juntos o último parágrafo:

Do ideal do eu parte um importante caminho para a compreensão da psicologia das massas. Este ideal tem, ademais do seu individual, uma participação social; é também o ideal comum de uma família, uma categoria, uma nação

A consciência de culpa era originariamente angústia perante o castigo dos pais; melhor dito: perante a perda do amor deles; no lugar dos pais, mais tarde, faz às vezes a quantidade indeterminada de companheiros. A frequente causação da paranoia através do adoecimento do eu, a privação (Versagung) da satisfação no âmbito do ideal do eu é assim entendida; também a reunião da formação do ideal e sublimação no ideal do eu, a involução das

sublimações e eventual remodelação dos ideais em enfermidades parafrênicas.

Freud conclui o texto às vésperas da guerra. Foi publicado no Anuário de Psicanálise, que teve sua publicação suspensa devido à eclosão da Grande Guerra como se dizia. Apresentado no Congresso de Munique de 1913, sua versão definitiva foi concluída em março de 1914. Selou definitivamente a separação entre Freud e Jung.

Dois traços característicos fundamentais do psicótico Freud descreve no texto do narcisismo como parafrênicos: den Größenwahn, o grande delírio e a Abwendung, alienação de seu interesse do mundo externo (pessoas e coisas). Größenwahn, é comumente entendido por megalomania ou delírio de grandeza. O parafrênico é outro, diz Freud. Na parafrenia não é como no delírio paranoico, onde o eu é indenizado através do grande delírio e há a reconciliação com o Outro. A parafrenia e a paranoia têm uma diferença que Freud investigava. A diferença do delírio parafrênico para o paranoico encontra-se no indivíduo na massa e fora dela. O delírio de observação, (notação e perseguição) é vivido na parafrenia na perseguição do outro para sua aniquilação. Ser perseguido (paranoia) – perseguir o ser do outro (parafrenia): dupla face do Ideal do eu. O parafrênico elimina assim, a realidade discursiva do Outro, seus significantes mestres: cultura, etnia, religião, corpo real e simbólico. A idealização da pulsão se apresenta como suposta matéria de discurso, configurada como matéria de elaboração discursiva para fins político-psicológicos de domínio de uma massa.

Uma análise mais próxima do termo parafrenia nos conduz no pensamento freudiano e lança luz sobre sua escolha. O delírio parafrênico é estabelecido por Kraepelin em 1912 no seu “Tratado”, com sua exclusão do grupo das formas paranoides da demência precoce. É um delírio autóctone que se nutre de elementos heterogêneos para sua autoconstrução. Clérambault denomina-o, por isso, de “delírio auto construtivo”. Os quadros parafrênicos puros apresentam um indivíduo aparentemente normal no uso da língua, seu texto é dotado de uma pseudo coerência, pois consegue estabelecer uma ligação ‘lógica’, repetida à exaustão, entre causas falsas e consequências inexistentes. Isso dá ao delírio crônico do parafrênico a tendência irreprimível a viver significados projetando em fatos heterogêneos um sentido oculto em si e um saber único. É um mitômano. O desmentido do real tem uma função decisiva na formulação. Kraepelin desdobra a parafrenia em quatro quadros clínicos e o último é a parafrenia fantástica. Essa forma era muito rara e nela predominavam em primeiro plano as alucinações corporais e os fenômenos de influência.

Freud e Hitler

Hitler em sua autobiografia, Mein Kampf, “Minha luta”, estabelece sua missão frente à humanidade como missão divina. Publicou-a em 1927. Foi o livro mais lido na Europa na década de 1930 e escrito, assim como Schreber, numa internação.

Freud procurava, a partir da paranoia, o que há de análogo nos atos do esquizofrênico, do paranoico e do parafrênico, todos dementes. A paranoia, essencial, é um tipo clínico autônomo e deve ser assim conservado. Seu quadro confunde-se com traços esquizofrênicos mas tem um mecanismo de retorno sobre o sujeito diferente na formação do delírio. Precisamente essa diferença nos interessa em nossa análise da

parafrenia no estudo psicanalítico da autobiografia de Hitler, ao modo de Freud no caso Schreber. Nos conduzirá até nossa época, a parafrenia moderna.

A política do desmentido

O que é rechaçado no simbólico retorna no real, define Lacan. No que retorna no real, desmente-se. A verdade perde ‘seus direitos’. Cria-se uma falsificação discursiva que reúne um grande número de indivíduos dispostos a passar ao real seus signos. A devastação que começou na falsificação do saber e da verdade se conclui na destruição real do Outro. Nesse ponto, a política do desmentido atinge seu ápice. O parafrênico monta a sua versão dos fatos desmentindo cada ponto que o contrapõe. Seus atos de fala são conduzidos de modo a fazer da idealização da pulsão um outro real e encontrar nele a norma do real. Como o sujeito se imagina, pensa a si mesmo, é exteriorizado na palavra e expressa seu desejo de devastar. Uma tal massa primária, massa-instrumento, é essa quantidade de indivíduos, que tomaram um único e mesmo objeto como ideal, objeto da pulsão, e que como consequência disso se identificaram uns com os outros nos seus eus pelo desejo de devastar. Se na paranoia o sujeito busca a solução final do delírio na reconciliação com o pai, na parafrenia busca a sua devastação simbólica e real.

A marca da impossibilidade que o narcisismo inscreve no eu, que faz o sujeito ir ao outro pelo laço, pelo vínculo, é desmentida. O outro é tomado como instrumento de um gozo que o devasta.. Um gozo coercitivo, devorativo. Freud, que, tinha a verdade como fundamento do discurso do analista, nos adverte sobre a idealização da pulsão e os efeitos: a involução das sublimações e a destruição simbólica da formação do ideal.

Na parafrenia o circuito, para se concluir, depende da negação total do real para seu delírio perverso fazer sentido aos indivíduos, isto é, se conclui na formação da massa-instrumento. “O que começou com o pai concluiu-se na massa” afirma Freud no mal-estar (FREUD, S. Das Unbehagen in der Kultur, Frankfurt am Mein, G. W., Vol.14, S. Fischer Verlag, 1930, p. 492.). O pequeno menino revela um interesse especial por seu pai: Ele toma seu pai por seu ideal. O Pai ideal, é o ponto de fuga do imaginário para o analista, pois o discurso do mestre é o avesso da psicanálise, assim como transformar o Édipo em ideologia é o ponto de fuga do simbólico para a interpretação.

O sentido do sintoma deste modo é o real desmentido. Por isso não cessa de negar, desmentir o real. É preciso extrair dessa experiência o fato de que o desmentido é estrutural, implica o desconhecimento que o real produz dele mesmo. Sem interdição, o desmentido opera sobre o real do discurso, sobre o real do acontecimento e tem efetividade de devastação. Esse desconhecimento tem, para Freud, sua fronteira do lado da massa quando torna-se instrumento para a implementação de projetos de poder e riqueza pelo gozo da devastação. A massa desconhece o que a funda e a mantém coesa. Só reconhece a identificação ao líder que ocupa o lugar do pai ideal. Não há parafrenia sem massa, que autoriza o desmentido. Há, com o desmentido sistemático, a implantação de outro real pela devastação, o irreal, para a construção do delírio pela idealização da pulsão. Dar filhos à Hitler era o ideal.

Forma um corpo de ideias baseadas em textos teóricos de autores específicos, a ideologia, que busca defender o ‘direito de devastar’.

Ódio à cultura, racismo, homofobia, repúdio ao feminino, antissemitismo, fundamentalismo religioso, devastação do meio ambiente, buscam purificar o humano para a redenção e, para isso, a devastação cultural é ponto de partida. A ideologia antecipa a realidade do delírio. O uso de igrejas e exércitos no nacionalismo populista é prova disso e deve servir a esse fim na construção do delírio, pois são as formações de massa por excelência.

Isaías, 47:11 - Portanto sobre ti virá o mal, sem que saibas a sua origem, e tal destruição cairá sobre ti, sem que a possas evitar; e virá sobre ti de repente devastação (Shoah) que não poderás conhecer.

Temos definida a parafrenia de época. Qualquer época. O grande líder, destruidor sagrado, falsos messias com suas sarças ardentes digitais.

Freud e Jung

Freud diferencia o paranoico do parafrênico no modo da queda do interesse da libido pelas pessoas e coisas, queda que implica a construção pelo delírio de uma nova realidade. Devemos entender essa diferença no âmbito das insatisfações de Freud com as teorizações e Jung.

Jung vinha publicando textos sobre a ocupação da libido sem diferenciação nas psicoses. Sua teoria da introversão da libido aparece nos textos mais tarde reunidos no livro Símbolos da transformação, especificamente no capítulo III do texto, “A transformação da libido”, citado por Freud no seu “Sobre a introdução do narcisismo” e era empregada sem diferenciação às neuroses e psicoses.

O conceito de transformação – Wandlung – é uma das chaves lógicas na teoria da libido para a compreensão da formação do ideal e a sublimação da pulsão. Jung neste texto passa a cuidar do “erro de Freud”. Hitler dedica um capítulo a Wandlung zum Antissemiten, transformação em antissemita.

A citação de Jung a seguir encontra-se no Zentralblatt für Psychotherapie, número 6, de 1933. Nesse ano ele estabelece a distinção entre o inconsciente judeu e o ariano, entre psicologia judaica e germânica. Em 1932 na eleição presidencial no segundo turno, Hitler obteve quase 37% dos votos, e Hindenburg, o vencedor, teve 53%. Apesar da derrota, pouco tempo depois (1933) Hitler é nomeado Chanceler e em 1934 é eleito presidente com 90% dos votos. A Alemanha tornou-se um país de partido único, totalitário.

A Sociedade (de psiquiatria) espera que todos os seus membros com qualidades literárias e retóricas tenham estudado com seriedade científica o livro de Adolf Hitler Mein Kampf e o considerem como básico. A mesma cooperará com a obra do Chanceler em educar o povo alemão para uma mentalidade de abnegação. HERMANN, L. M., John F. Rittmeister e C. G. Jung, In: Nazismo e psicanálise. Chaim Samuel Katz (editor), Rio de Janeiro: Ed. Taurus, 1985, parte IV, p. 134.

Podemos supor o efeito que tal autorização causou na involução das mentes de seu tempo. Foi fator decisivo no desenvolvimento dos acontecimentos psíquicos da alma alemã. Deutschland über alles, “Alemanha acima de tudo”, a máxima coercitiva da moral supremacista tem sua equivalência aqui. Make America great again “fazer a América grande novamente”, “o grande despertar”, a ideologia da raça superior, pura em pleno século 21. O slogan “Brasil acima de todos, Deus acima de tudo” é um enunciado desse tipo. É uma repetição a cisão produzida pelo nacionalismo populista, que toma perversamente a prática política como instrumento de poder e do gozo de devastar. Segregação e usurpação generalizadas do espaço político e social pela devastação do semelhante e de sua cultura. São os fanáticos do todo.

No escrito sobre o narcisismo Freud afirma que seu método é uma “oposição aos trabalhos da escola de psicanálise de Zurique”. Visivelmente enfasiado e preocupado, escreve a propósito das teorizações dessa escola:

Ela se relaciona com coisas tão distantes dos problemas de nossa observação e tem tão pouco conteúdo de conhecimento que é do mesmo modo ocioso contestá-la como aproveitá-la; possivelmente tem essa identidade originária – Uridentität – tão pouco a ver com nosso interesse analítico... Teria preferido seguir até o fim o caminho que empreendi na análise do caso Schreber.

Freud se refere à teoria junguiana dos arquétipos e do inconsciente coletivo, que tomara a direção do simbolismo e do irreal. Hoje, com as redes sociais, a deep web e as fake news, não por acaso sistemáticas, são as armas da política do desmentido. Procuram sem cessar configurar um corpo político às custas da idealização da pulsão.

O líder, o desmentido do real e a letra

Conceitos fundamentais da psicanálise como pai originário – Urvater –, recalque originário – Urverdrängung –, juízo – Urteil – e a imagem originária (do eu) – Urbild, mostram o simbólico fundamental recusado aqui. Seu espaço psíquico é tomado de assalto por um simbolismo que pela insurreição da negação sistemática, recusa a ética que Freud entende necessária ao líder. O que ocupa esse lugar se vale da identificação primária ao líder

Freud já começara a escrever o primeiro dos três ensaios de “O homem Moisés e a religião monoteísta” (1933). Interroga nesse capítulo a função do líder e o “se fazer segregar” dos judeus. A idealização da pulsão age na reversão sobre o que se segrega.

As conclusões de Freud sobre o parafrênico e o paranoico são expressas tanto no encerramento da análise do caso de Schreber como na introdução do narcisismo, através da psicologia das massas. Freud se refere em ambos os textos ao que trata em “Totem e tabu” (1913), a Völkerpsychologie, a psicologia dos povos ou, para ouvidos germânicos da época, psicologia da raça. Era o assunto de Jung e também de Hitler.

Todo cruzamento entre não tão elevados entes dá como produto um meio termo entre a elevação dos pais. Isto é assim: o jovem ficará mais bem elevado que o inferior racial do par parental, mas não tão elevado como o superior. O mais forte tem que dominar e não se misturar com o mais fraco, e assim sacrificar sua grandeza.

Hitler, em 24 de maio de 1913, impôs-se a “tarefa da elucidação da questão judaica”. Começou a “estudar a valer os fundadores dessa doutrina a fim de conhecer os princípios do movimento”. Remodela a fantasia de povo eleito em ideal da raça eleita. A idealização da pulsão toma seu impulso, as involuções das sublimações e da formação dos ideais tornam-se instrumento de poder. O sacrifício humano escapa do recalque e retorna.

Homofobia é uma forma de racismo de acordo com a lei brasileira. Devido à dificuldade de tipificá-la, encontrou-se essa solução jurídica. Entendemos porque Freud diz que a parafrenia tem “conteúdo incerto”. Hanna Arendt denuncia em seu livro “A dignidade da política”.

A falência das nações tem início com a destruição gradual da legalidade, seja porque o governo no poder abusa das leis, seja porque as leis nascem de uma autoridade que se torna questionável. Em ambos os casos as leis perdem a validade. Qualquer incidente pode destruir costumes e moralidade que não se fundem mais na legalidade; qualquer contingência pode ameaçar uma sociedade que não está mais garantida por cidadãos.

A questão atual que se apresenta é a da repetição da farsa à tragédia. Colocamos a questão: quem parafreniza hoje? O que é a parafrenia moderna? Freud, depois dos textos aqui citados, não usou mais esse termo.

Na parafrenia, moderna ou não, o valor da letra, da instância da letra, é destituído pela negação sistemática do real. Textos seculares, científicos, literários, tornam-se letra morta. A política do desmentido atinge os ganhos científicos e culturais e o projeto educacional, pois, cientistas e leitores são perigosos. A intenção é desenraizar a letra do Outro, sua escrita, seus traços culturais e imputar imperativos coercitivos que obedeçam ao projeto delirante do líder e sua massa de eus, heróis patológicos.

O que se chama de negacionismo atualmente, Freud definiu como o prazer de negar de mais de um psicótico, no texto “A negação”. Devasta passo a passo a realidade discursiva e a função e o campo da palavra. A letra é o ponto de fuga real e simbólico do parafrênico e o nazismo digital tem o papel de propagação.

A idealização da pulsão

O nacional-populismo, assim como sua forma pretensamente ultrapassada, o nazismo, repete sempre as mesmas formas em seus pronunciamentos e publicações. É apresentado um outro corpo político, um corpo idealizado, purificado de infecções raciais, de gênero e sexuais. Esse corpo mítico projetado no líder, se supõe como contraponto ao corpo político a ser destruído.

A sublimação das pulsões e a formação do ideal são exigências simbólicas do estágio do espelho da criança para a estruturação do inconsciente como linguagem, necessárias ao eu para a formação do sentimento de si, do eu mesmo, sentimento antes de mais nada corporal. Com o fracasso desse enodamento descrito por Freud, ocorre a idealização da pulsão, que se dá às custas da coerção e destruição do Outro para a assunção do eu. Destruir o Outro torna-se um imperativo de gozo. O inconsciente é amputado. Forclusão simbólica e desmentido do real colapsam o eu, produz-se a cisão total do eu e uma parte se volta contra a outra.

Em seu capítulo pretensamente darwinista, “O forte é mais forte quando fica só”, Hitler prova calculadamente a “incompetência dos que se creem eleitos”.

Aqui também, pela ordem natural das coisas, será certamente o mais forte que será escolhido para cumprir a grande missão; apenas os outros só muito tardiamente reconhecem o fato de ser este o único eleito.

Schreber também queria formar uma nova raça. Se emascularia, se transformaria em mulher, seria copulado por Deus e geraria uma nova raça, a de Schrebers, que reconciliaria a humanidade com a divindade. Esse delírio, sua solução final, estava atualizado em seu tempo. Na parafrenia, a solução final expressa no enunciado do grande delírio, é imposto como um golpe coercitivo, violento e generalizado sobre o corpo do outro.

O mito aponta a massificação do delírio. Com a des fusão do ideal do eu e do supereu, ideal e sublimação não enodam e, pela idealização da pulsão de morte, há o surgimento desse gozo que se efetiva na destruição da lei pelo desmentido do real no nível da letra. O super eu identifica somente o que há de mais devastador na experiência. Identifica a figura feroz, o destruidor sagrado. A palavra é degradada, o comando da lei reduzido ao seu caroço. O grande delírio é devorativo, não cessa de devastar.

Ao encerrar o seminário Os 4 conceitos fundamentais da psicanálise, falando de sua ‘excomunhão’, Lacan diz:

Há algo profundamente mascarado na crítica da história que temos vivido. É, presentificando as formas mais monstruosas e pretensamente ultrapassadas de holocausto, o drama do nazismo. [...] O sacrifício significa que, no objeto de nossos desejos, tentamos encontrar o testemunho da presença do desejo desse Outro que eu chamo aqui o Deus obscuro.

Passar da devastação do corpo cultural e político para o genocídio é um passo que não se contém. Isso nos traz uma responsabilidade, a mesma de Freud, pois, se não há

garantias do discurso, do dizer e do ato psicanalítico há efeitos no real. Portanto, o redespertar dessas forças pulsionais nos adverte que uma resposta é necessária. O real não é ponto de fuga para o analista. Ao contrário, vai de encontro ao real e faz frente ao desmentido. Em intensão, na clínica, e na extensão, na Escola e no mundo. Esse texto trata de colaborar com essa responsabilidade.

O ensino da psicanálise não se transmite pela denúncia, como bandeira ou por uma generalização do seu saber. A dimensão do real da letra conduz a psicanálise no seu trabalho de escuta e de escrita. Faz barra ao mal entendido, à dissimulação que o desmentido sistemático do real em jogo quer impor coercitivamente. A ética da psicanálise sustenta o trabalho do inconsciente, pois, o inconsciente é a política.